

HISTÓRIA ESCOLAR E COLONIALISMO IDEOLÓGICO¹: A ACRÓPOLE DE ATENAS COMO HETEROTOPIA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA ANTIGA ²

Konstantina Papakosta³

Resumo

Esse artigo apresenta uma abordagem crítica às representações discursivas da Acrópole de Atenas em livros didáticos publicados entre 1974 e os dias atuais. Também identifica os *topoi* que nascem a partir das análises linguísticas do discurso arqueológico apresentado nos livros didáticos, os quais formam eixos-base da identidade moderna grega. A importância desse estudo se dá por conta desse monumento específico carregar simbolismos diversos e multidimensionais em níveis gregos, europeus e globais, exemplificando a “cultura superior” da Antiguidade Grega, inventada e reapropriada pelos alemães clássicos no fim do século XVIII e começo do XIX, enquanto serve de enfeite e simbolismo ao Estado moderno local. Assim sendo, trata-se de um caso típico de Heterotopia foucaultiana, já que é tanto um espaço simbólico real quanto irreal, definido mais por sua constituição discursiva e instituições do que por seu local físico. A História Antiga raramente torna-se sujeito de diálogos críticos na realidade grega, já que é considerada como finalizada e irreversível, enquanto, ao mesmo tempo, é propriedade pública do povo grego. De qualquer maneira, sua forma acadêmica consiste de um documento oficial do Estado na Grécia, por conta da política de apenas livros didáticos aprovados pelo governo. Ao mesmo tempo, isto contribui para a formação de um discurso construído dentro de contextos histórico-políticos e *topoi* específicos, cuja identificação e análise podem facilitar a realização da autoimagem nacional ensinada e reproduzida oficialmente. Esse artigo discute a contribuição de vários fatores à percepção da Acrópole no contexto da Heterotopia foucaultiana. A reconstrução da Acrópole durante o reinado do Rei Otto e a orientação clássica da Universidade de Atenas durante o século XIX são outros fatores que,

¹ Texto da 7ª Conferência Internacional de Crítica Educacional (VII ICCE), “Repensando Alternativas ao Neoliberalismo na Educação”, em 28 de Junho - 2 de Julho de 2017, Atenas.

² Traduzido por Catarina de Faria Rodrigues, graduanda em História pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, SP, e bolsista FAPESP.

³ Pós-doutoranda da Universidade Aristóteles de Tessalônica.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v. 6, n. 1, 2021.1 p. 296-319.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13802

juntamente com o discurso público dos livros didáticos, apoiam a construção ideológica de um “espaço” (Foucault, 1986) moderno e global.

Palavras-chave

Livros didáticos de História Antiga; identidade; narrativas arqueológicas; heterotopia; Acrópole.

Nas ciências humanas, tem se debatido cada vez mais que a História é uma narrativa — um ponto de vista, uma abordagem, o resultado de um posicionamento — de pesquisa, atitude e interpretação. A opinião pública, por outro lado, acha difícil aceitar estas abordagens. A História Antiga é considerada pelo público como algo estabelecido, definitivo e não-interpretável. A educação política também contribui significativamente para a formação dessa visão em relação ao ensinar História Antiga nos anos primários e secundários na Grécia; de 1952 até o momento presente, livros didáticos, em geral, repetem a mesma narrativa (Papakosta, 2016: 409-410). Ao mesmo tempo, considera-se que o aprender é baseado na memorização da narrativa apresentada pelo livro, enquanto a política do governo permite o uso nas escolas de um livro único e oficial aprovado pelo mesmo (Charalambous, 2011). A imagem imposta, da qual o Parthenon é colocado em contraste com um céu vivido e azul, acompanhada pela narrativa de sua construção por Péricles depois das Guerras Persas, é comum para quase todos os gregos. Poucos, por outro lado, percebem que a Acrópole adquiriu sua forma atual durante o reinado do Rei Otto no começo do século XIX e, desde lá, tornou-se parte da cidade de Atenas com muitas casas pequenas espalhadas em volta de seu terreno e anexadas à fortificação otomana, integrada no cotidiano e acessível a todos.

No entanto, o que a narrativa da escola ensina sobre a Acrópole? Quais são os *topoi* subjacentes reproduzidos pelo discurso escolar, corporificados, declarados ou implícitos na narrativa dominante? Esse artigo apresenta os achados de uma pesquisa linguística extensa (Papakosta, 2016), conduzida com base na análise de discurso crítico (Fairclough, 1995, 2001; Jaeger, 2009; Wodak, 2001), e com o objetivo de explorar os eixos ideológicos produzidos como base na narrativa histórica escolar. Porém, a História escolar é mais discutida no presente, tendo em vista sua interação com a dimensão material e de desenvolvimento da Arquitetura junto da Acrópole de Atenas. Essa rede ideológica, cultural e política foi complementada pela contribuição da Universidade de Atenas durante a primeira metade do século XIX, que estabeleceu uma das mais

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v. 6, n. 1, 2021.1 p. 296-319.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13802

características heterotopias da modernidade: a “Rocha Sagrada” que é tanto um espaço simbólico real quanto irreal, definido mais por sua constituição discursiva e de instituições do que por seu local físico (Foucault, 1986). A Acrópole de Atenas, propriedade comum à civilização ocidental e símbolo incomparável da civilização grega atemporal, é interpretada e construída por seu meio cultural, enquanto também se define como entidade autônoma.

Essa função é particularmente importante no contexto de formação, mas também no de preservação e de estabelecimento da identidade nacional. Já foi observado que o “lugar comum” do nacionalismo não é nem dado ou fixo, mas precisa constante de avaliações (Appadurai, 1996: 178-199); isto necessita de uma série de rituais e práticas, as quais transformam esse espaço em um lugar nacional, como a periódica (porém regular) rotação dos aniversários nacionais, o caráter mundano dos hábitos cotidianos — desde o caminhar a alguns lugares específicos até o comer certos pratos —, mas também a produção da nação, através da escavação arqueológica e da exposição dos achados em museus (Hamilakis, 2007: 121). Contudo, considerando a nacionalização da sociedade como processo de naturalização, a onipresença do “empreendimento em progresso” da construção da nação está implícita, mesmo em margens e áreas que geralmente não são associadas ao nacionalismo; o “nacionalismo banal” (Billig, 1995) é encontrado nas práticas e hábitos diários, os quais definem os cidadãos da nação do mundo cotidiano, mas que, no entanto, constituem a identidade nacional (cf. Edensor, 2002; Foster, 2002). Estes são os rituais comuns/tangíveis de todo o dia que produzem e reproduzem memórias nacionais sensoriais (Hamilakis, 2007).

Um instituto que é seguramente orientado à hegemonização social (incluindo o culto da consciência nacional) é a escola. Mesmo que raramente explícita e muitas vezes inesperada, uma das características mais reveladoras do ensinar é sua pressão excessiva para assimilar os padrões culturais básicos. Seja ou não intencional, o ímpeto básico da educação escolar é o desenvolvimento da orientação universal.

Mesmo quando se há um cuidado para incluir estudos étnicos ou educação bilíngue nos conteúdos curriculares, a estrutura, o método e os procedimentos pelos quais os conteúdos são organizados e disseminados costumam refletir padrões prontos e exercem influência predominante sobre o educador. Escolas são atores da sociedade dominante e, portanto, refletem modelos culturais implícitos dessa sociedade. E, já que refletem a estrutura e os aspectos sociais, espera-se que as escolas perpetuem valores,

atitudes e padrões comportamentais dentro de uma estrutura de assimilação implícita (Grollios, 2009, 2011).

Livros didáticos têm sido instrumentos pedagógicos indispensáveis, aliando-se à educação escolar desde o século XIX (Choppin, 2004). É válido notar, por outro lado, que estes não se referem apenas a matéria, conteúdo pedagógico, informação, ética e política: transmitem informação ao público e são ativos na “área cinza” entre o privado e o público, a ciência e a propaganda, a especialização e a educação geral, os adultos e as crianças (Johnsen, 1993). A influência dos livros didáticos nas crianças é considerada alta, mesmo que mais presumida em vez de medida e estimada com precisão. Isso explica o porquê de, em muitos países, o poder político intervir na publicação destes livros, já que o objetivo é geralmente assegurar um controle forte sobre o conteúdo ideológico que transmitem (Athanasiadis, 2015; Choppin, 2004). Por estes motivos, os livros didáticos não deixam a opinião pública indiferente (Athanasiadis, 2015). A História Escolar, ainda mais, sendo um gênero distinto (Papakosta, 2016), combina diferentes funções sociais, políticas e educacionais, tendo em vista que se trata de um texto normativo e documento oficial do Estado, mas também material educacional voltado aos estudantes (Athanasiadis, 2015; Repoussi, 2006). A fim de serem aceitos pelos professores e pais e para desfrutar da legitimidade social, os livros didáticos de História têm de cumprir múltiplos papéis, dentre os quais transmitir as representações sociais da "História Escolar" e "os objetivos da aprendizagem da História" (Repoussi; Tutiaux-guillon, 2010).

Livros de História têm uma importância política singular. Eles exploram fontes e citações, incluindo evidências arqueológicas, a fim de destacar e documentar a narrativa. Estas citações são de grande significância nas narrativas destes livros bem como na parte iconográfica da História Antiga. A relação entre as nações arqueológicas e a construção da identidade nacional nos livros didáticos de História é uma problemática interessante e desafiadora (Kasvikis, 2008; Papakosta, 2016). De forma interessante, a História Antiga pouco se torna assunto de um diálogo crítico na realidade grega, já que é considerada como definida e irreversível, essencialmente circundando o significado americano do termo (i.e. algo passado, esquecido, e irrelevante ao presente), enquanto, ao mesmo tempo, é propriedade pública do povo grego. Em contrapartida, em seu aspecto acadêmico, é tanto um documento oficial do Estado, por conta da política da aprovação estatal única do livro didático, quanto, por outro lado, formador de uma construção de discurso em contextos histórico-políticos. A identificação e análise de todos os *topoi* linguísticos

podem ajudar a entender o ensinado na escola e a autoimagem nacional reproduzida de forma oficial.

Neste contexto, é importante enfatizar a natureza diacrônica das análises apresentadas, que delimitam os materiais dos três livros didáticos usados em sequência para o ensinar História Antiga no Ensino Médio desde 1974. As análises comparativas destes permitem a compreensão das permanências e mudanças no decorrer do tempo, de forma síncrona, entender o discurso dos passados distantes e não tão distantes permite uma melhor compreensão daquele feito no presente. Além disso, o diálogo discursivo desdobra outras áreas que se concernem à formação pública nacional. Assim, problemas como a construção do espaço-tempo contínuo no território grego, a promoção da piedade religiosa como presunção do sumário conceito do “ser grego”, o testemunho arqueológico como símbolo de presságio moderno, e a dimensão decorativa da arte são colocados a fim de promover uma autoimagem nacional. A percepção das condições políticas e históricas na construção dessa autoimagem particular, como a limpeza das fases do edifício da Acrópole durante o reinado do Rei Otto com o objetivo de exibir exclusivamente sua fase clássica, além da representação discursiva complementar da mesma prática nos livros didáticos, auxilia na consciência crítica da cidadania moderna, bem como nas relações europeias e internacionais do Estado grego.

Pesquisa em livros didáticos escolares

Os eixos que baseiam a narrativa nacional apresentada nos livros formam os *topoi* que são revelados pela análise linguística; em outras palavras, formam o substrato da narrativa nacional. Essa pesquisa ressalta os eixos básicos ideológicos que, de forma explícita ou implícita, conduzem a narrativa nacional academicamente ensinada e, de maneira ainda mais específica, as narrativas arqueológicas. Somado a isso, investiga o desenvolvimento da História escolar ao longo do tempo.

Os livros didáticos que serviram de material à análise foram usados no Ensino Médio. De forma mais precisa, a versão revisada do livro de Kalogeropoulou “História dos tempos antigos em 146 a.C.” (1980) foi introduzida nas escolas em 1975-1976 e usada até 1982-1983. Trata-se de um manual de 424 páginas, padrão de folha A4, e dividido em oito partes, que são divididas em capítulos e seções. Ao final do livro, consta uma lista de datas importantes, um glossário e uma bibliografia. Cada capítulo termina com um resumo de seus pontos principais seguidos de fontes e

citações. A autora é uma arqueóloga, e uma das que mais contribuiu para o Museu de História da Universidade de Atenas, em 1987.

O livro didático seguinte, de autoria de Tsaktsiras e Tiberios (2005), foi publicado em 1983-1984 e foi usado nas escolas até 2005-2006. Tem uma extensão de 308 páginas, padrão de folha A4, e consiste em 7 capítulos, os quais são divididos em seções e subunidades. Cada capítulo começa com uma nota introdutória e termina com perguntas para fomentar discussões. Fontes e citações interrompem o corpo principal do texto, sendo impressas em diferentes estilos e colocadas em quadros. Tiberios escreveu os capítulos “A Idade da Pedra” e “A Idade do Cobre”, bem como as seções de arte e editou a ilustração; enquanto Tsaktsiras escreveu os outros capítulos (Tsaktsiras; Tiberios, 2005: 05). Tiberios é um arqueólogo e professor de Arqueologia Clássica na Universidade Aristóteles de Salonica, e Tsaktsiras professor de Filologia.

O terceiro livro que foi analisado é o livro didático usado no primeiro ano do Ensino Médio na época atual. Os autores são Katsoulakos, Kokkorou-Alevra e Skoulatos (2010). Ele tem sido usado nas escolas desde 2006-2007 e consiste em um livro de padrão de folha A4 com 152 páginas. O fluxo do texto é interrompido por fontes e citações em diferentes estilos. Um resumo de cada capítulo aparece ao começo dele, enquanto exercícios de autoavaliação podem ser encontrados ao fim de quase todos eles. Os capítulos ainda são divididos em unidades e contém um conjunto de atividades relacionadas, que completam cada unidade. Os capítulos “A Idade da Pedra” e “A Idade do Cobre” foram escritos por Skoulatos, enquanto as artes e as cartas do passado histórico, desde o Período Geométrico até a Era Romana, foram escritas por Kokkorou-Alevra (Papakosta, 2016: 203). Kokkorou-Alevra é professor de Arqueologia Clássica na Universidade de Atenas; Skoulatos, conselheiro escolar; e Katsoulakos, professor de Ensino Médio.

Análises

A respeito das descobertas das análises linguísticas, o foco será em dois aspectos que são indicativos da construção discursiva da identidade nacional: os estereótipos e os *topoi* linguísticos. Começando com os estereótipos, pode-se observar que eles se agrupam nas categorias seguintes:

- Declarações com juízos de valor sobre Fídias: “No século V, o mais famoso entre os escultores de seu tempo trabalhou, Fídias, o ateniense. Ele

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v. 6, n. 1, 2021.1 p. 296-319.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13802

era um artista genial, com conhecimento amplo” (Tsaktsiras; Tiberios, 2005: 197-202). Utilizando de uma modalidade expressiva neutra, esse estereótipo é colocado como uma verdade inquestionável.

- Declarações com juízos de valor sobre o impacto da Acrópole: “Então começou um período de trabalhos incríveis na Rocha Sagrada. As edificações mais bonitas e as esculturas mais magníficas que toda a humanidade já encontrou foram criadas naquele período” (Kalogeropoulou, 1980: 286); “Essas criações arquitetônicas são os melhores trabalhos do patrimônio arquitetônico mundial e sua influência na arquitetura dos períodos que se seguiram foi gigantesca” (Katsoulakos; Kokkorou-alevra; Skoulatos, 2010: 111); “[A reconstrução da Acrópole] sujeitou Atenas a imortal” (Kalogeropoulou, 1980: 286).

- Declarações com juízos de valor sobre a qualidade do trabalho artístico durante o período clássico. Ocasionalmente, essas declarações são apresentadas como realidades universalmente aceitas, feitas por meio de modalidade expressiva por Kalogeropoulou (1980) e modalidade neutra por Tiberios (2005): “Além disso, o nível artístico era tão elevado durante aqueles anos, que até o mais simples e manual trabalho gerava oportunidade para infinitas emoções com sua beleza perfeita” (Kalogeropoulou, 1980: 291); “[As pinturas] causavam admiração no povo antigo” (idem: 286); “Já era chamada de arte clássica no século XVIII, no sentido que as criações alcançavam a absoluta perfeição” (Tsaktsiras; Tiberios, 2005: 190); “Polignoto foi um pintor pioneiro” (idem: 204); “Nos séculos V e IV a.C., templos brilhantes e construções públicas foram construídas em toda a Grécia” (Katsoulakos et al., 2010: 111).

- A exaltação do valor artístico do Partenon: “Partenon é considerada de forma correta a obra-prima da Arquitetura da Grécia Antiga” (Kalogeropoulou, 1980: 286); “É, sem dúvida, a melhor conquista da ordem dórica” (Tsaktsiras; Tiberios, 2005: 196); “Para além de seu estilo arquitetônico “clássico”, ela também se diferencia por sua rica decoração escultural” (Katsoulakos et al., 2010: 111).

- Frases estereotipadas: “Rocha Sagrada” (Kalogeropoulou, 1980: 286).

- A significância contemporânea da Acrópole é atribuída à Era Clássica. Em seu sentido, se torna diacrônica: “[...] a Acrópole, o sítio religioso mais importante de Atenas” (idem, ibidem).

A análise então passa para os *topoi* linguísticos, que são comuns nos três livros didáticos sobre o *metapolitefsi* (o período na História da Grécia Moderna, sucessão da queda da junta militar de 1967-1974).

O primeiro *topos*

O primeiro trata da contribuição das ciências para a documentação da longevidade da civilização antiga grega. De forma mais específica, concernente à pesquisa e documentação arqueológica, foi observado que nenhuma referência a escavações ou outras formas de documentação arqueológica foi feita. Como terminologia científica, gradualmente começou a ser mais encontrada nos livros didáticos recentes, escritos por Tiberios (2005) e Kokkorou-Alevra (2010). Portanto, apenas os nomes dos estilos arquitetônicos, "As ordens dórica e jônica" (Kalogeropoulou, 1980: 286), e os termos "estátua criselefantina" (Katsoulakos et al., 2010: 289) e "lécitos brancos" (idem: 291) são mencionados no texto de Kalogeropoulou (1980). Assim sendo, nos livros didáticos mais recentes, vemos "ordem jônica", "ordem dórica", "friso" (Tsaktsiras; Tiberios, 2005: 196); "frontões" "estátuas criselefantinas de tamanhos colossais" (idem: 202-204); "tolos, galerias, ginásios, palestra", "Capital coríntia", "kouros", "doríforos", e "korai" (Katsoulakos et al., 2010: 113).

Referências a museus e à documentação museológica são pouco citadas, a não ser por Tiberios (2005), que faz três menções: (1) os Mármore de Elgin: "No começo do século XIX, o Lorde Elgin encarregou-se de uma parte significativa do encaminhar as esculturas do Partenon da Grécia — então ocupada pela Turquia — para Londres, onde estão até hoje no Museu Britânico" (Tsaktsiras; Tiberios, 2005: 202); (2) o *Heniochus*: "Trata-se do *Heniochus* do Museu Arqueológico de Delfos e a estátua de um deus, provavelmente Zeus, localizados no Museu Arqueológico de Atenas" (idem: 197-202); e (3) uma coleção de cerâmica do século V a.C.: "Uma grande coleção de cerâmica do século V a.C. se encontra no Museu Arqueológico de Atenas" (idem, 2005: 203).

Análises linguísticas mostram que o livro didático de Kalogeropoulou (1980) projeta pessoas e monumentos como agentes históricos de mesma intensidade. Uma mudança gradual na projeção das arquiteturas é observada em Tiberios (2005), e já Kokkorou-Alevra (2010) coloca a evidência material no primeiro plano de ação. Mesmo que os mais recentes prefiram uma modalidade neutra da língua, usa-se de vez em quando

expressões e adjetivos modais ao descrever os monumentos: “templos brilhantes”, “o Templo de Atena Nice, um trabalho artístico elegante do estilo jônico” (Katsoulakos et al., 2010: 111), e “as escavações trouxeram luz às obras-primas de estátuas e relevos” (idem: 113). Considerando a ausência de referências a pesquisas e escavações arqueológicas atuais, pode-se argumentar que aquela — juntamente com a ação das arquiteturas pronunciada — sugere o valor próprio das construções, que se evidencia e independe dos estudos e análises científicas; e, por consequência, indiscutíveis e atemporais, não afetadas pelas circunstâncias social, política e histórica. Assim, sua importância adquire um valor metafísico.

As personalidades projetadas nos capítulos analisados são relacionadas à construção dos edifícios clássicos, tais como Péricles, Fídias, e o povo ateniense: “Foi necessário que os cidadãos passassem de forma imediata a tomar conta da Acrópole, o sítio religioso mais importante de Atenas” (Katsoulakos et al., 2010: 286). O principal agente é Péricles, já que seu nome consta no começo de cada seção e se repete de maneira regular. Já Fídias é projetado de diferentes formas: seguido por adjetivos qualitativos — “super artista Fídias” (Kalogeropoulou, 1980: 286) —, ou juízos de valor — “No século V, ele era o mais famoso entre os escultores de seu tempo, Fídias, o ateniense” (Tsaktsiras; Tiberios, 2005: 197-202) —, os quais, complementados de modalidades neutras ou expressivas, são apresentados como verdades indiscutíveis. Outros são apresentados de forma adicional, como Ictinos e Calícrates (Kalogeropoulou, 1980: 286; Katsoulakos et al., 2010: 111; Tsaktsiras; Tiberios, 2005: 191) e Mnésicles (Kalogeropoulou, 1980: 286; Katsoulakos et al., 2010: 111; Tsaktsiras; TIBERIOS, 2005: 190). No livro de Katsoulakos et al. (2010) existe uma única e simples referência ao nome de Péricles. No manual mais recente, a ação pronominal é passada aos complementos, enquanto a voz passiva os apresenta como agentes. É característico que neste mesmo livro didático o nome de Péricles seja mencionado apenas uma vez e em relação ao programa de construção da Acrópole. A mudança gradual de pessoas para monumentos também é notável.

O segundo *topos*

O segundo se refere à Grécia como “berço da civilização”, ressaltando a primariedade da Acrópole ateniense. Em particular, a primazia artística de Atenas durante o período clássico é atribuída por Kalogeropoulou (1980) como um axioma: “Durante o período clássico (...) as mais belas construções e as mais magníficas esculturas que a humanidade já experienciou” (p. 286). Tiberios (2005), orientado de forma constante à *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v. 6, n. 1, 2021.1 p. 296-319.
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13802

modalidade epistêmica e neutra, evita o uso de emoções e apoia-se na definição dada pela comunidade científica “já no século XVIII” para provar a “absoluta excelência” da Acrópole. Assim, ele recorre à invocação de uma autoridade abstrata:

A arte grega do século V, nos anos seguintes às Guerras Persas, e a arte do século IV, até o tempo de Alexandre, o Grande, foram já nomeadas de ‘arte clássica’ no século XVIII, no sentido de que suas criações alcançavam a absoluta perfeição. (Tsaktsiras; Tiberios, 2005: 190)

A admiração atemporal e universal é apresentada como fato indiscutível: “Na Acrópole, monumentos brilhantes foram erguidos e são admirados por todo o mundo na atualidade” (Katsoulakos et al., 2010: 72).

Baseando-se nos estereótipos mencionados acima, a Acrópole de Atenas transforma-se no símbolo de supremacia da criação artística. Essa simbolização é alcançada por uma variedade de meios expressivos. A primazia da Acrópole é atribuída por Kalogeropoulou (1980) com o uso enfático do expressivo, esporádico uso da modalidade alética e com um estilo lírico intenso, bem como a escolha de vocabulário, que busca engajar o leitor emocionalmente. A conotação “Rocha Sagrada” (Kalogeropoulou, 1980: 286) é usada de forma estereotipada, mesmo que eliminada em publicações posteriores. A grandeza da Acrópole também é documentada por julgamentos de valor sobre seu impacto (idem, ibidem): “Então começou um período de incríveis trabalhos da Rocha Sagrada, onde os mais bonitos edifícios e as magníficas esculturas que a humanidade já experienciou foram criadas”; “[A reconstrução da Acrópole] renderia Atenas à imortal”; e “O Partenon é certamente considerado como obra-prima de Arquitetura da Grécia Antiga”. Sua descrição se torna mais equilibrada por Tiberios (2005), já que ele a incorpora em uma unidade que trata da produção artística do mesmo período como um todo, mesmo que dedique a maior parte dela ao Partenon. Portanto, sua predominância é justificada de forma epistemológica e científica, sendo bem estabelecida no contexto de um conjunto artístico mais amplo. Tendo em vista que a forma de modalidade mais usada por Tiberios é a neutra e epistêmica, o autor narra e descreve frases de incorporação que exacerbam ou limitam a certeza sobre as afirmações. De qualquer forma, na descrição da Acrópole, Tiberios não consegue evitar a adoração a toda criação com modificadores quantitativos e qualitativos, característica da modalidade expressiva (Tsaktsiras; Tiberios, 2005: 196): “As proporções harmônicas das partes da construção e o fino processo de todos os detalhes constituem uma criação arquitetônica única”; “um templo elegante com um padrão peculiar”; “outro templo pequeno e luxuoso de arranjo jônico, elevando a

proeminência da rocha”; “de famosas estátuas feitas de dourado-marfim” e “trata-se, sem dúvida, da conquista mais perfeita da ordem dórica”.

Apesar de as narrativas do livro didático de Katsoulakos (2010) serem mais simples e de modalidade científica-acadêmica, as explosões líricas não são evitadas: “Essas criações arquitetônicas são os melhores trabalhos de patrimônio arquitetônico mundial, e sua influência na arquitetura das épocas que se seguiram foi colossal”; “para além de seu design arquitetônico ‘clássico’, ele [o Partenon] também é conhecido pela decoração rica de esculturas” (Katsoulakos et al., 2010: 111). Comparando os livros didáticos mais recentes, pode-se observar que Tiberios (2005) tenta justificar a posição dominante do Partenon com base em evidências científicas, mas ele não evita a modalidade expressiva: “As proporções harmônicas das partes da construção e o bom processamento de todos os seus detalhes constituem uma arquitetura única” (Tsaktsiras; Tiberios, 2005: 94). Katsoulakos (2010), por outro lado, proclama o valor do edifício como um axioma: “Partenon é o trabalho mais importante da Arquitetura grega” (Katsoulakos et al., 2010: 72). De modo particular, interessa a seleção de vocabulário, que indica a mudança de uma característica decorativa — no qual o resto do livro didático se concentra — até o reconhecimento global de seu valor: “brilhante”, “admiração universal”, “glorificado” e “insuperável ao longo do tempo” (idem, *ibidem*). Atenas é apresentada como um carro-chefe atemporal na cultura mundial (idem, *ibidem*). É notável também o uso do modo do presente histórico, que marca excertos da narrativa ou de uma descrição com particular importância (Brinton, 1992: 221).

O terceiro *topos*

O terceiro preocupa-se com a construção do continuum espaço-temporal: a unidade diacrônica da cultura grega é documentada estabelecendo a topografia histórica e afirmando o território sucessivo. Nestes livros didáticos, os monumentos são exibidos de forma autônoma, sem referências a fases passadas ou de construções subsequentes. A falta de referências a eles os fornece dimensões autônomas, atemporais e invariáveis. Ao descrever suas construções e suas presenças no espaço atual, as fases intermediárias de construção são abolidas, e, conseqüentemente, o tempo que decorreu desde a sua construção é diminuído por meio do discurso. No que diz respeito aos autores, tanto Tiberios (2005) quanto, ainda mais, Kokkorou-Alevra (2010), enunciam os monumentos e os artistas da era clássica, como mencionado acima. De qualquer forma, eles usam o caso acusativo pronominal da primeira pessoa *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v. 6, n. 1, 2021.1 p. 296-319.
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13802

no plural (“nós”) em um sentido ético, para indicar o interesse do locutor: “artistas são desconhecidos para nós” (Tsaktsiras; Tiberios, 2005: 197-202); “nós estamos sendo salvos” (idem, ibidem); “eles não foram salvos para nós” (idem, ibidem); “seus trabalhos não foram salvos para nós” (idem: 204); “eles nos são conhecidos” (Katsoulakos et al., 2010: 111); e “trabalhos antigos de pintura não foram salvos para nós” (idem: 113). Assim sendo, o conceito de uma coletividade contemporânea é criado de forma que tanto o autor quanto o leitor se envolvem e se tornam membros dos benefícios da participação na Arte clássica. No que diz respeito ao tempo, passado e presente se alternam para descrever a construção e a existência atual dos monumentos. Essa interação de escalas temporais funciona, como já dito anteriormente, como um acoplamento de tempo discursivo.

O quarto *topos*

O quarto envolve a constituição do conceito abstrato do “ser grego”, promovendo a piedade religiosa como presunção, que é notada nos dois manuscritos mais antigos. Kalogeropoulou (1980) começa o capítulo 2, “Os grandes trabalhos feitos na Acrópole”, com a frase “Foi necessário aos cidadãos que de maneira imediata tomassem conta da Acrópole, o sítio religioso mais importante de Atenas” (Kalogeropoulou, 1980: 286). A importância da religião é enfatizada tanto pela introdução da frase específica do começo do capítulo quanto pelo modificador qualitativo que a caracteriza em grau superlativo. Já a referência de Tiberios (2005) adquire mais forma explícita do que pragmática: “O Partenon, o templo dedicado à Virgem Atena, se encontra no ponto mais alto do penhasco sagrado da Acrópole” (Tsaktsiras; Tiberios, 2005: 194). Pelo contrário, a dimensão decorativa artística do edifício é limitada no primeiro manual. O verbo descritivo principal usado por Kalogeropoulou (1980) em seu livro é o “adornar”: “um grande templo, todo de mármore, residiria em Palladas, adornado com esculturas ricas, o Partenon” (Kalogeropoulou, 1980: 286). Por outro lado, Tiberios prefere verbos mais neutros: “os edifícios localizam-se na Acrópole de Atenas” (Tsaktsiras; Tiberios, 2005: 191-197). A decadência na projeção de seu valor decorativo também é consistente com a gradual recessão da modalidade expressiva e do estilo lírico, bem como sua substituição pela modalidade epistêmica.

Em resumo, a função simbólica e implícita da Acrópole foi linguisticamente identificada nos *topoi* descritos. A simbolização, no entanto, que é realizada de forma linguística nos livros didáticos, interage com práticas aplicadas ao próprio monumento e contribui para sua transformação em heterotopia.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v. 6, n. 1, 2021.1 p. 296-319.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13802

A construção material de uma heterotopia: a condição histórica

A simbolização e a cobrança ideológica da Acrópole não são auto evidentes e não constituem uma característica inerente. Ao contrário, elas estão relacionadas à formação do Estado grego moderno, à sua concepção ideológica, e à sua redenção política em termos de reconhecimento internacional. Depois do assassinato de Kapodistrias em 1831, o novo Estado foi proclamado reino e Otto Friedrich Ludwig von Wittelsbach, seu rei. Logo em junho de 1834, Leo von Klenze (1784-1864), *Hofbauintendant* do pai de Otto, Ludwig I, rei da Bavaria, assumiu a responsabilidade de planejar e reconstruir Atenas como a nova capital (Jokilehto, 1999: 89). As reconstruções da Acrópole e do Partenon foram priorizadas por conta de suas posições como ponto de referência ateniense, mas também por conta da dignidade que transmitiriam do status no mais novo Estado (idem: 90). Uma parte significativa do trabalho na Acrópole foi sua desmilitarização, já que costumava ser até então usada como uma fortaleza (idem: 91). Esse ato foi, de maneira basilar, político tendo em vista que objetivava “acordar e reter a simpatia da Europa civilizada, dirigindo o seu olhar e interesse na restauração da cidade alta de Atenas” (Von klenze, 1838; IN idem). Em adição às fortificações, havia quase uma pequena cidade na Acrópole, com pequenas casas e jardins (idem, p. 91), as quais também tiveram de ser esvaziadas a fim de exibir os monumentos do período clássico. Na inauguração oficial da escavação e restauração da Acrópole, na presença do rei em dez de setembro de 1834, von Klenze fez um discurso que concluiu que vestígios de uma era bárbara, os escombros e as ruínas sem forma, iriam desaparecer dali bem como de toda a Hélade, e os restos dos gloriosos tempos antigos surgiriam em novo esplendor. Eles formariam o suporte mais confiável para um presente e futuro, ambos mais gloriosos (idem: 93).

Com base nesta programação, a Acrópole começou a ser construída como um espaço clássico autêntico (Plantzos, 2011). O plano que propôs a construção do palácio do rei alemão na parte oeste da rocha, onde o antigo museu da Acrópole foi construído depois, foi rejeitado. Quando o projeto começou em janeiro de 1835, o sítio não era mais acessível às pessoas comuns, sem permissão especial, ao mesmo tempo que guardas foram colocados ao redor do mesmo. A demolição da fortificação otomana e a restauração do Partenon foram os primeiros trabalhos (Jokilehto, 1999: 94). O projeto todo compreendia a realização do ideal do filelenismo romântico germânico, o qual visava a Grécia Antiga como um diacrônico essencial, estado de perfeição humana a-histórico, conhecido desde o meio do século

XVIII pelo historiador de Arte alemã, Johann Joachim Winckelmann (Beaton, 2004: 48). Essa percepção ansiava que a Grécia Antiga fosse presente na memória humana para sempre como ponto de referência final para mensurar cada conquista humana no futuro (idem: 49). Constanze Güthenke (2008) frisou de forma característica que a chave essencial do Helenismo seria “o charme da realidade material da Grécia” e “a indivisibilidade entre o materialismo e o idealismo” (Harwick, 2004: 338).

A aceitação da antiguidade grega como o principal fator legitimador, usado como ferramenta para desenvolver a consciência nacional (Karamanolakis, 2004: 114), é a chave do eixo da política do recém-estabelecido Estado-nação. A ideologia foi aceita por todo o aparato do Estado. A contribuição da primeira universidade grega, a qual foi inaugurada com uma cerimônia pública em Atenas em 1837 e considerada essencial para o renascimento da civilização antiga (idem: 113), é característica. Assim, para além das intervenções do Reino no espaço público, a contribuição da Universidade de Atenas foi essencial, tendo em vista que foi decisiva para a conexão do Reino da Grécia com seu passado histórico. A Universidade formou a periodização e o discurso histórico, ajudando, assim, a legitimar os objetivos e as aspirações do Estado usando do passado (idem: 112). Ela adotou o que Dimitris Tziouvas (2008) descreve como uma abordagem arqueológica ou simbólica ao passado clássico, com propósito de construir uma ponte por cima do abismo que existe entre o passado clássico e o presente moderno do Estado grego (idem: 120).

A Universidade tornou-se gradualmente dominante na vida pública. Ela responsabilizou-se pela educação dos professores do país, os quais serviam na administração pública e setor privado, e, pelo menos até o fim do período entreguerras, foi o principal lugar de produção e difusão do discurso científico (Karamanolakis, 2004: 112-113).

A Escola de Humanidades foi uma força dominante na instrução dos professores de Ensino Médio, e durante o século XIX, controlou também a educação de professores do Ensino Fundamental. No Seminário Filológico (fundado em 1842), o primeiro e único seminário da Universidade até a década de 1880, aulas para aqueles que desejavam se tornar professores do Ensino Médio eram dadas em grego antigo e latim (Karamanolakis, 2004, p. 118). Isto indica a adoção do classicismo, que tem por interesse inicial a pureza e continuidade, bem como o apelo pelo poder da fonte primária (Harwick, 2004: 344). A dimensão nacional da operação da Universidade de Atenas tornou-se clara pelo fato de seus graduandos ensinarem não apenas dentro das fronteiras do Estado, mas também em comunidades cristãs do Império Otomano. Nestas aulas, o passado comum, a linguagem

e a religião eram elementos homogêneos críticos por vincularem os cidadãos do Estado grego aos seus "irmãos irredentistas" no Império Otomano. A missão da Escola de Humanidades, bem como da Universidade, era de espalhar sua mensagem ao público do leste da Grécia (Karamanolakis, 2004: 120-121). A Antiguidade era a parte mais brilhante e reconhecível de sua identidade.

A Acrópole como heterotopia

A limpeza das fases de construção pós-clássicas contribuiu para a formação da "Heterotopia acropolitana", que é um dos exemplos mais característicos de heterotopias. Estas, segundo Foucault (1986), são lugares reais que carregam culturas específicas, as quais juntam, representam e refletem simbolismos específicos. Esses sítios são formados pelo desenvolvimento da civilização e são uma utopia realizada no sentido de que são reais e tem uma posição localizada, mas são totalmente diferentes dos espaços que refletem. Heterotopias são, assim, localizadas de forma topográfica, mas, ao mesmo tempo, posições carregadas de ideologias, as quais — diferente das utopias — organizam fantasias de uma comunidade em torno de uma área existente. Estes "outros lugares" são, de acordo com Foucault, um componente da sociedade, permitindo-os regular-se de forma efetiva e negociar-se com a esfera do cotidiano. Mesmo que Foucault não lide com o papel de heterotopias na criação de comunidades nacionais, pode-se argumentar que a santificação de certos lugares no mundo moderno é inseparável da importância com que o pensamento nacional os adorna. (Ioannidou, 2010-2011: 387). No entanto, a definição e atributos que Foucault definiu indicam a Acrópole como um dos exemplos mais peculiares.

Uma característica da heterotopia é que ela começa a funcionar por inteira quando as pessoas chegam em um momento de total rompimento com seu tempo tradicional (Foucault, 1986: 26). Em adição, heterotopias sempre requerem um sistema de abertura e fechamento que as isola, mas as faz penetrável ao mesmo tempo. No geral, o sítio heterotópico não é livremente acessível como espaço público; ou a entrada é obrigatória, como no caso de entrar em quartéis ou prisões, ou a pessoa tem de passar por rituais e limpezas. A fim de conseguir entrar, deve-se ter permissão e fazer certos gestos (Foucault, 1986). Assim sendo, a Acrópole tinha começado a se transformar numa heterotopia pelos bávaros no começo de sua restauração em 1834. Este foi o momento em que o livre acesso foi impedido. Em particular, a intervenção bávara delineou a "Rocha Sagrada", incluindo-a, e colocou guardas entorno de suas entradas

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v. 6, n. 1, 2021.1 p. 296-319.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13802

(Jokilehto, 1999: 94), apesar de que até então a Acrópole era integrada na vida social dos residentes e das fortificações que acomodava, sendo acessível a todos. Além disso, tempos de abertura e fechamento, aplicação de bilhetes de ingresso, com verificação completa na entrada, e filas podem ser consideradas como função simbólica de parte do ritual moderno.

Outro aspecto estereotipado da Acrópole liga-se à sua função em relação ao resto do espaço público. O papel das heterotopias é de criar um espaço que é “outro espaço real, tão perfeito, meticuloso e bem arranjado quanto os nossos são bagunçados, mal construídos e confusos” (Foucault, 1986: 27). Foucault (1986) chama este tipo de “heterotopia de compensação” (idem, ibidem). O objetivo de von Klenze e seu time era, de fato, a purificação da Acrópole de sua “era bárbara”. A intervenção nas escavações, nas restaurações e na forma de demolir as construções não clássicas resultou na criação de um espaço limpo e sagrado. Em adição, um cuidado especial foi tomado para manter sua pureza e integridade; especialistas deram conselhos como o tipo de sapato que as pessoas deveriam usar a fim de diminuir o dano ao espaço causado pelo andar de milhões de visitantes (Clark, 2009).

A função temporal das heterotopias tem grande importância: “elas são associadas com 'pedaços' de tempo — o que significa que elas se abrem para o que pode ser chamado, pelo bem da simetria, de heterocronias” (Foucault, 1986: 26). Estes espaços, para além da carga simbólica que carregam que os separam de espaços realistas, não são parte do fluxo temporal normal; pelo contrário, eles vêm como um rompimento absoluto de seus tempos tradicionais (idem, ibidem). Mesmo que Foucault (1986) use de exemplo museus e bibliotecas, onde, com o acúmulo de objetos de diferentes períodos, “o tempo nunca para de criar e liderar seu próprio cume” (idem, ibidem) na Acrópole, e o tempo foi congelado no momento de sua restauração, a qual teve de reviver a forma de monumento quando foi erguida. A Acrópole é, nesse sentido, um mausoléu vivo de si próprio, um indicador imutável de seu passado clássico. Todavia, como as análises linguísticas mostram, ela na verdade funciona como uma “ponte entre tempos”, conectando o passado clássico com o Estado-nação moderno de forma direta, formando um cronotopo distinto (Bakhtin, 1981: 84-258; 1986: 10-59).

A importância da heterotopia acropolitana pode ser relacionada às teorias recentes de nação e nacionalismo. Estas tendem a enfatizar a importância dos processos em transformar o espaço neutro em espaço territorial nacional. Isto é indicativo de que as práticas de restauração e preservação aplicadas em todos os monumentos antigos da Grécia (Jokaheido, 1999)

foram influências cruciais por dois motivos: para validar o espaço nacional e para permitir à nação que se imaginasse como uma nação antiga (Damaskos; Plantzos, 2008). As antiguidades da Grécia Moderna também têm sido descritas como heterotopias do século XIX: a Grécia, geograficamente limítrofe à Europa, é ao mesmo tempo reconhecida como um espaço de origem pelo imaginário europeu; trata-se de uma heterotopia de ruínas, que é lendária e real ao mesmo tempo, além de evidência material no presente de um passado glorioso (Leontis, 1995). No entanto, a função heterotópica dela não é menos importante aos próprios gregos, já que eles tentaram consolidar a sua identidade nacional e cultural na realidade material do novo Estado estabelecido (Ioannidou, 2010-2011). Já foi argumentado que os marcos dessa heterotopia não são usados apenas como imagem do sonho nacional, mas também como uma prova material, tangível e real — e, portanto, indiscutível — da continuidade da nação, um mecanismo básico para sua materialização (Hamilakis, 2007). Em outras palavras, coisas, objetos e monumentos não são sem vida, matéria dormente, apontando de forma passiva para as relações sociais ou apenas servindo a necessidades burocráticas; envolvem-se ativamente nos processos social e histórico (Yalouri, 2004: 166).

Um problema que surge, por outro lado, é o conteúdo da difusão ideológica dessa construção heterotópica e o fato daquele ter emergido ao mesmo tempo que a purificação das relíquias não clássicas da Acrópole. Uma vez cercado e guardado, o passado da Grécia Antiga foi retirado de seus espectadores modernos, os quais agora só podem vê-lo em um cartão postal, cortado de seu “tempo social” (Herzfeld, 1991) e espaço (Yalouri, 2004: 170). A conexão entre a alta civilização da pesquisa arqueológica e da restauração e os gregos modernos foi realizada com êxito pela Universidade de Atenas e sua orientação ao classicismo, tanto na pesquisa como no ensino para professores (Karamanolakis, 2004).

As correlações entre a realidade material e os *topoi* linguísticos

O estudo dos manuais das escolas revelou ainda mais que a construção heterotópica pode ser identificada no discurso da História escolar no último quarto do século XX. De forma interessante, mesmo que a reconstrução da Acrópole no começo do século XIX tenha sido extensa, ela não é implícita nos livros didáticos. A perpetuidade da forma clássica não é perturbada pela menor suspeita de referência de uma fase posterior de construção, como mostrou a análise linguística. A forma mais comum de apagar o passado — de modo nominal, a seleção de destruição dos monumentos, inscrições e artefatos (Arnold, 2013) — parece ser atingida na *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v. 6, n. 1, 2021.1 p. 296-319.
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13802

narrativa escolar; a “limpeza cultural” da Acrópole é implementada ao remover referências às fases de construções helenística, romana, veneziana ou otomana, ou ainda à restauração bávara própria. Esse processo, que remove a historicidade da Acrópole (Hamilakis, 2007), constitui a narrativa implementada pela política oficial do Estado que começou no século XIX.

As pessoas que aparecem como agentes são principalmente Péricles e Fídias, enquanto existe uma mudança gradual à projeção dos próprios monumentos como sujeitos. Nesse sentido, eles adquirem uma hipóstase autossuficiente e atemporal, mas imperecível em sua forma clássica. O centro da narrativa é baseado nos edifícios, os quais são naturalizados e parecem conquistar uma existência autônoma em relação à comunidade que os criou. Apesar de os cidadãos atenienses serem relatados, parece que eles confiaram a Péricles a administração da reconstrução da Acrópole depois das Guerras Persas. Em troca, ele escolheu os especialistas para executar o seu programa de construção. Em análises semelhantes das narrativas do mundo micênico, o agente projetado foi mais uma comunidade de pessoas do que protagonistas individuais (Papakosta, 2016). Nas partes narrativas que focam na Acrópole, todas as personalidades históricas famosas recuam para enfatizar os objetos como agentes.

A heterocronia foucaultiana, a “projeção fragmentada do tempo em pedaços” (Foucault, 1986: 26) e complementar à construção heterotópica, é realizada discursivamente nos livros didáticos estruturando a cronotopia grega (Papakosta, 2016); de modo mais específico, o modo como se descreve o espaço e se define o tempo histórico forma uma cronotopia particular: todo espaço em diferentes momentos é, na verdade, um espaço diferente (Bakhtin, 1981: 84-258; 1986: 10-59). De acordo com essa visão, a narrativa histórica interpreta o passado ao associar-se com um espaço específico, baseado nos valores e nos ideais do Estado-nação. Assim, torna-se uma ideologia formalizadora (Bakhtin, 1986: 96-100), pois a distinção entre as fases históricas é removida, já que estas são unidas na continuidade histórica da presença grega. A cronotopia grega, a “heterotopia acropolitana”, é a versão grega do argumento do “território sucessivo”, o qual é fator chave na criação de estados-nações modernos, e refere-se à suposição de que definições geográficas no Estado nacional tendem a requerer uma duração longa. O reconhecimento de fronteiras comuns — ou, nesse caso, de pontos de referência comuns — ao longo do tempo assegura a profundidade de uma comunidade específica (Grosby, 2007: 99). Quando determinações territoriais se estabilizam na subconsciência coletiva de uma comunidade por meio de tradições

religiosa, historiográfica e legal, o Estado-nação adquire sua identidade (Grosby, 2007: 110).

Mais adiante, a Grécia diacrônica é projetada como o “berço da civilização”, enquanto a admiração mundial pela Acrópole é inquestionável já que é o símbolo supremo da criação artística. O simbolismo da Acrópole é alcançado nos esquemas linguísticos simples, como a metonímia de “Rocha Sagrada”, a qual funciona eventualmente como um sinônimo. Um aspecto linguístico indicativo disso é que a conclusão básica dos estudantes se dá na obrigatoriedade de admirar a Acrópole. Além disso, o uso cumulativo de adjetivos apresenta uma realidade absoluta e inegável. No livro didático de Kalogeropoulou (1980), o discurso histórico acadêmico adota conotações e metáforas como meios de expressão. Aquele também repete juízos de valor cheios de estereótipos, os quais são projetados como auto evidentes quanto à sua diacronicidade, desde os tempos antigos até hoje, e quanto à sua aceitação global. Tem sido argumentado, porém, que [...] por meio dessas práticas retóricas os fatos verdadeiros são encobertos e os mitos da fundação nacional, formados. Assim, a ciência histórica se volta à genealogia do “povo escolhido”: isto prova a peculiaridade e supremacia deste, orgulhando-se dos períodos gloriosos de sua história (Kokkinos, 2003: 119).

Em adição, o seu uso frequente refere-se à resposta emocional dos alunos e não contribui para o desenvolvimento de sua aptidão de pensamento sintético e crítico. Pode ser argumentado de forma racional que a ênfase na influência emocional da grandiosidade da Acrópole, bem como o foco no vocabulário no aspecto decorativa da arte, retira a historicidade dos edifícios e de sua função na Antiguidade, sendo assim, complementando o silenciamento das fases de construção não clássicas.

Em conclusão, deve ser notado que o centro da narrativa permanece inalterado em todos os livros didáticos que foram analisados. Essa estabilidade é entendível se considerarmos que os livros didáticos são documentos oficiais do Estado-nação. Em resultado, já que Estados e identidades nacionais permanecem formações mais importantes do que as mudanças que encaram (Smith, 2009: 23), os livros continuam a desempenhar o papel de limites simbólicos. Essa função parece justificar a promoção de lugares e monumentos específicos, como a Acrópole, criando polos de “agrupamentos culturais”.

Conclusão

O romantismo germânico imaginava o ideal da Grécia Antiga em tempos modernos, uma visão compartilhada e apoiada por intelectuais, políticos,

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v. 6, n. 1, 2021.1 p. 296-319.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13802

guerreiros da Guerra da Independência, e cidadãos gregos do Estado-nação moderno. Esse ideal foi corporificado durante o reinado do Rei Otto nos restos antigos que estavam espalhados por todo o território grego, começando pela Acrópole (Jokilehto, 1999). A Universidade de Atenas empreendeu a conexão com o presente e ensinou os professores na linguagem do grego antigo (Karamanolakis, 2004). Após um século e meio, livros didáticos foram preservados na ideologia filelênica do fim do século XVIII e começo do XIX, que são ensinados e reproduzidos, mesmo que condições políticas e sociais tenham mudado na atualidade.

A Acrópole, como símbolo do governo moderno da Grécia, passou por uma limpeza cultural a fim de retornar a sua forma clássica, rejeitando as fases intermediárias que se seguiram a partir do século V a.C. até o começo do século XIX. Essa prática, acompanhada pela política do acesso limitado e rituais complementares na entrada (cercamento, tempo de abertura e fechamento, guardas, bilhetes de entrada, controle, roupas específicas) transformaram essa área no caso típico de heterotopia foucaultiana. A difusão, porém, dessa construção ideológica é suplementada pelos livros didáticos, os quais formam analogias linguísticas, e apoiam-na e reproduzem-na. Por isso, o cronotipo grego é construído, o qual, apoiado pelo estereótipo familiar de “berço da civilização” — também conhecido pela História romana (Leontis, 1995) —, é um componente básico da narrativa nacional contemporânea (Smith, 2009).

A prática do Estado é revelada como multifacetada, enquanto várias dimensões são complementares e de apoio mútuo: a “purificação” material da Rocha e a projeção correspondente da forma clássica selecionada encontram sua contrapartida na Universidade de Atenas e em sua orientação clássica (Karamanolakis, 2004); e, então, difundidas por meio de livros didáticos de História Antiga. A estrutura multidisciplinar e multidimensional da ideologia nacional torna-a indiscutível. Mesmo que a Acrópole tenha adotado um caráter ahistórico, operando principalmente como um marco histórico ideológico, isto nem sempre foi o caso. O Partenon, longe de ser um emblema eterno, precioso e *noli me tangere*, havia sido integrado na vida social durante sua longa vida e, na verdade, serviu para uma variedade de usos. Um general veneziano, Morosini, que bombardeou a construção em 1687 e demoliu seu teto, não estava alvejando o símbolo, mas o depósito de pólvora do Império Otomano. Nós, assim, entendemos que uma sociedade, enquanto sua história se desenrola, pode criar uma função existente de heterotopia de um modo muito diferente (Foucault, 1986).

Como a análise do discurso revelou, a História escolar mantém e repete a mesma função, a qual está relacionada com a formação do Estado-nação. Uma abordagem crítica ao conhecimento, porém, pode ser cultivada por meio do estudo histórico da Acrópole em livros didáticos. Mesmo um estudo diacrônico de um momento particular pode, por um lado, ensinar aos alunos História, enquanto, por outro, ajudá-los a estarem cientes sobre as relações de poder que determinam o curso das pessoas. Realizando a política atual e correlações históricas, aprofundam seu pensamento histórico, e cultivam suas habilidades de criticidade.

Referências bibliográficas

APPADURAI, A. *Modernity at large: Cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota, 1996.

ARNOLD, B. *Erasure of the past*. IN: SMITH, C. (Ed.). *Encyclopedia of global archaeology*. Nova York, NY: Springer, 2013. pp. 519-520.

ATHANASIADIS, H. *Withdrawn books: Nation and school history in Greece, 1858–2008*. Atenas, Grécia: Alexandria, 2015.

BAKHTIN, M. M. *The dialogical imagination: Four essays by M. M. Bakhtin* IN: HOLQUIST, M., (Ed. e Trad.). Austin, Texas: University of Texas, 1981.

BAKHTIN, M. M. *Speech genres, and other late essays*. IN: HOLQUIST, M. (Ed); MCGREE, V. W. (Trad.). Austin, Texas: University of Texas, 1986.

BEATON, R. *Re-imagining Greek antiquity in 1821*. IN: TZIOVAS, D. (Ed.). *Reimagining the past antiquity and Modern Greek culture*. Oxford, UK: Oxford University, 2004. pp. 47-58.

BILLIG, M. *Banal nationalism*. Londres, UK: Sage, 1995.

BRINTON, L. J. *The historical present in Charlotte Bronte's novels: Some discourse functions*. IN: **Style**, 26(2), 1992. pp. 221–244.

CHARALAMBOUS, D. F. *Metapolitefsi education policy*. IN: BOUZAKIS, S. (Ed.). *Panorama of the history of education: Aspects and views*. Volume B: Modern Greek education (1821-2010). Atenas, Grécia: Gutenberg, 2011. pp. 253-266.

CHOPPIN, A. *La rencontre du numérique et du manuel*. Trabalho apresentado na conferência “La Direction de la Technologie”, Fontevrau, França, setembro de 2004.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v. 6, n. 1, 2021.1 p. 296-319.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13802

CLARK, T. *Women barred from wearing stilettos at Ancient Greek sites*. IN: *Daily Mail*, 20 de maio de 2009. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/travel/article-1185063/Women-banned-wearing-stilettos-Ancient-Greek-sites-newplan.html#ixzz50NOuflCd>

DAMASKOS, D.; PLANTZOS, D. *Antiquity: Archaeology and Hellenic identity in twentieth-century Greece*. Atenas, Grécia: Benaki Museum, 2008.

EDENSOR, T. *National identity, popular culture and everyday life*. Oxford, UK: Berg, 2002.

FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis as a method in social scientific research*. IN: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.). *Methods of critical discourse analysis*. Londres, UK: Sage, 2001. pp. 121-138.

FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: The critical study of language*. Londres, UK: Longman, 1995.

FOSTER, R.J.. *Materializing the nation: Commodities, consumption and media in Papua New Guinea*. Bloomington: Indiana University, 2002.

FOUCAULT, M. *Des espaces autres*. IN: *Diacritics*, 16(1), 1986. pp. 22-27.

GROLLIOS, G. *Paulo Freire and the curriculum*. Boulder, Colorado: Paradigm, 2009.

GROLLIOS, G. *Progressive education and curriculum*. Tessalônica, Grécia: Epikentro, 2011.

GROSBY, S. *The successor territory*. IN: LEOUSSI, A. S.; GROSBY, S. (Eds.). *Nationalism and ethnosymbolism: History, culture and ethnicity in the formation of nations*. Edimburgo, UK: Edinburgh University, 2007. pp. 99-112.

GÜTHENKE, C. *Placing Modern Greece: The dynamics of Romantic Hellenism, 1770-1840*. Oxford, UK: Oxford University, 2008.

HAMILAKIS, Y. *The nation and its ruins: Antiquity, archaeology, and national imagination in Greece*. Nova York, NY: Oxford University, 2007.

HARWICK, L. *Exceptionalities and paradigms*. IN: TZIOVAS, D. (Ed.). *Re-imagining the past antiquity and Modern Greek culture*. Oxford, UK: Oxford University, 2004. pp. 333-349.

IOANNIDOU, E. *Toward a national "heterotopia": Ancient theaters and the cultural politics of performing ancient drama*. IN: *Modern Comparative Drama*, 44/45(1), 2010-2011. pp. 385-403.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v. 6, n. 1, 2021.1 p. 296-319.
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13802

JAEGER, S. *Kritische diskursanalyse: Eine einfuehrung*. Münster, Alemanha: Edição DISS, Band 3, 2009.

JOHNSEN, E. B. *Textbooks in the kaleidoscope: A critical survey of literature and research on educational texts*. Oslo, Noruega: Scandinavian University, 1993.

JOKILEHTO, J. *A history of architectural conservation*. Londres, UK: British Museum, 1999.

KALOGEROPOULOU, A. G. *History of the ancient times until 146 BC*. Atenas, Grécia: OEDB, 1980.

KARAMANOLAKIS, V. *The University of Athens and Greek antiquity (1837-1937)*. IN: TZIOVAS, D. (Ed.). *Re-imagining the past antiquity and Modern Greek culture*. Oxford, UK: Oxford University, 2004. pp. 112-127.

KASVIKIS, K.. *Material culture and archaeological narratives in school history books for elementary school*. IN: ANDREOU, A. (Ed.). *The teaching of history and research in school textbooks in Greece*. Atenas, Grécia: Metaihmio, 2008. pp. 157-203.

KATSOULAKOS, T.; KOKKOROU-ALEVRA, G.; SKOULATOS, B. *Ancient history*. Atenas, Grécia: OEDB, 2010.

KOKKINOS, C. *Science, ideology, identity: The lesson of history in the constellation of transnationality and globalization*. Atenas, Grécia: Metaihmio, 2003.

LEONTIS, A. *Topographies of Hellenism: Mapping the homeland*. Ithaca, Nova York: Cornell University, 1995.

PAPAKOSTA, K. *History textbooks and archaeological narratives: The construction of national identity in Greece (1952-2010)*, 2016. Disponível em: <http://www.openarchives.gr/view/2707179>

PLANTZOS, D. *Behold the raking geison: The new Acropolis Museum and its context-free archaeologies*. IN: *Antiquity*, 85(328), 2011. pp. 613-630.

REPOUSSI, M. *Politics questions history education: Debates on Greek history textbooks*. IN: *Jahrbuch der Internationalen Gesellschaft für Geschichtsdidaktik*, 2006/2007. pp. 99-110.

REPOUSSI, M.; TUTIAUX-GUILLON, N. *New trends in history textbook research: Issues and methodologies toward a school historiography*. IN: *Journal of Educational Media, Memory and Society*, 2(1), 2010. pp. 154-70.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v. 6, n. 1, 2021.1 p. 296-319.
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13802

SMITH, A. D. *Ethno-symbolism and nationalism: A cultural approach*. Estados Unidos da América: Routledge, 2009.

TSAKIRAS, L.; TIBERIOS, M. *History of the ancient times until 30 BC*. Atenas, Grécia: OEDB, 2005.

TZIOVAS, D. *Reconfiguring the past: Antiquity and Greekness*. IN: DAMASKOS, D.; PLANTZOS, D. (Eds.). *A singular antiquity: Archaeology and Hellenic identity in twentieth-century Greece*. Atenas, Grécia: Museu Benaki, 2008. pp. 287-297.

VON KLENZE, L. *Aphoristische bemerkungen gesammelt auf einer reise nach Griechenland*. Berlim, 1838.

WODAK, R. *The discourse-historical approach*. IN: WODAK, R.; MEYER, M. Meyer (Eds.). *Methods of critical discourse analysis*. Londres: Sage, 2001. pp. 63-94.

YALOURI, E. *Possessing antiquity: Reconnecting to the past in the Greek present*. IN: TZIOVAS, D. (Ed.). *Re-imagining the past antiquity and Modern Greek culture*. Oxford, UK: Oxford University, 2004. pp. 165-185.